

## **Relato 2 – Diferentes Públicos, Diferentes Dinâmicas: Comparando as Turmas de Formação Geral, Técnico e Normal**

Uma das experiências mais ricas do meu Estágio II foi poder observar a diversidade de perfis entre os estudantes das diferentes turmas que compõem a escola: ensino médio regular (formação geral), técnico de informática, normal médio e, ainda, a turma de Ciências do 9º ano. Cada grupo revela dinâmicas próprias, com desafios, ritmos e níveis de engajamento distintos — o que me ajudou a perceber o quanto o trabalho docente precisa ser sensível e adaptável à realidade de cada turma.

No ensino médio, as turmas do curso técnico de informática se destacam por uma postura um pouco mais centrada em sala. Ainda que também conversem e se dispersem em alguns momentos, apresentam, no geral, um desempenho melhor em atividades e avaliações. Muitos demonstram facilidade com conteúdos da Química que exigem raciocínio lógico ou interpretação, o que pode estar relacionado à formação técnica que estão recebendo em paralelo.

Já as turmas do curso normal, voltado à formação de futuros profissionais da educação, apresentam um perfil bem misto. Há alunos mais quietos e participativos, mas também muitos que conversam constantemente, inclusive durante as explicações da professora. Em geral, notei que os estudantes do 1º ano parecem estar em um momento de transição, ainda se adaptando ao ritmo e às exigências do ensino médio. Já os do 2º ano demonstram um pouco mais de maturidade, especialmente a turma de informática, que me pareceu mais organizada e capaz de conciliar vida escolar e pessoal. O 3º ano, por sua vez, carrega um cansaço visível — muitos demonstram desmotivação, ansiedade por concluir o ciclo escolar e pouco engajamento nas atividades.

A turma de Ciências do 9º ano é um capítulo à parte. Por serem mais jovens, os alunos ainda apresentam certa imaturidade e dificuldade em manter o foco. Há bastante dispersão, e a professora enfrenta desafios constantes para manter a atenção durante a aula. Além disso, há estudantes com idades e níveis de aprendizagem muito distintos, o que aumenta a complexidade do trabalho em sala.

A presença de mediadores em algumas turmas, acompanhando alunos com necessidades específicas, também contribui para revelar a pluralidade de perfis dentro de uma mesma sala. Perceber como esses mediadores atuam, e como a professora lida com essa diversidade sem perder de vista o conteúdo programático, foi um aprendizado importante.

Essa convivência com diferentes públicos me mostrou que não existe “um modelo de aula” que funcione para todos. A prática docente precisa ser flexível, sensível às demandas dos alunos e às condições em que a aprendizagem acontece. Os estudantes da escola pública trazem consigo histórias de vida marcadas por desigualdades, lacunas anteriores, e por vezes, um distanciamento afetivo com a escola. Mesmo assim, muitos se mostram curiosos, abertos ao diálogo e desejosos de aprender, desde que encontrem um ambiente acolhedor e motivador.

Ao observar essas diferenças entre as turmas, percebi que o professor precisa, acima de tudo, reconhecer a singularidade de cada grupo — e que essa escuta ativa pode ser o primeiro passo para estabelecer um vínculo que de fato faça sentido no processo de ensinar e aprender.